



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

TONITO

Manoel Jaime Xavier Filho

Membro da Academia de Medicina e Academia Paraibana de Cinema

Por poucos anos, trabalhou em Manaus, na época da implantação da Zona Franca. Sempre se identificou com máquinas e seu funcionamento. Ao que tudo indicava, era portador de uma inteligência mecânica, algo genético, porque outras pessoas da família apresentavam a mesma inclinação. Quando criança e adolescente, contando com a ajuda do pai, fabricava alguns dos seus próprios brinquedos – carros, aviões, uma réplica da torre *Eiffel*, um trem feito a partir de latas, um patim e até um projetor de fotogramas.

Na ocasião em que o conheci, já passava dos sessenta anos e morava em uma cidade interiorana do Nordeste. Ganhava o pão de cada dia em seu ponto comercial, um quartinho, estreito e bagunçado, onde consertava eletrodomésticos, brinquedos ou qualquer coisa que apresentasse defeito – de metal, madeira ou plástico. Os eletrônicos e a informática consolidavam ainda o caminho que levaria ao domínio da vida das pessoas, novos e definitivos paradigmas.

Era ensimesmado, lento no andar e no falar, de hábitos simples, polido e acessível, desde que estimulado. Alto, emagrecido, um tanto curvo e deselegante. Costumava usar calça cáqui ou de mescla e camisa de algodão, de manga comprida, em geral parcialmente ensacada.

Seus hábitos? Lia folheto de cordel, fazia fé no jogo de bicho, ia ao cinema local sempre que da programação constassem filmes de faroeste. Não perdia nenhum e chegava a assistir o mesmo filme por mais de uma vez. Forró e *blues* eram sua preferência musical, sim, *blues*, sem que se saiba como se deu a identificação com o

ritmo americano. Aos sábados e domingos, tomava sua cachacinha, nunca com exagero. Pelo futebol, vaquejada e briga de galo não nutria nenhum interesse, despreço visto com reserva pela maioria dos homens do lugar.

No final de semana, cumpria um ritual muito afeito ao seu perfil de eremita: sozinho, fazia caminhadas a pé ou pedalava, para visitar e apreciar determinados pontos da cidade. A bicicleta, de tão modificada, perdera o formato original, não sendo possível associá-la a qualquer dos fabricantes. Constavam da programação o açude, o rio, a olaria, a fábrica de sabão, a sede da banda de música, o cemitério, o abrigo dos velhos, a vacaria, uma pedreira e o cruzeiro – um grande bloco granítico com uma cruz azul no seu topo. E assim, ia descobrindo outros espaços que para ele guardavam alguma significação. Em uma ocasião, subiu à torre da igreja para ver mais de perto o relógio em funcionamento.

Ao retornar desses passeios, passava pelo *Café do Beco* e enquanto tomava seu *caffè espresso*, sempre na mesma mesa. Escrevia alguma coisa em uma caderneta rota por ele conduzida, na qual também esboçava alguns desenhos. Ao seu conteúdo não se tinha acesso.

Certo dia, logo em um sábado, o dia das andanças, a máquina de descaroçar algodão, pertencente à usina de beneficiamento, parou de funcionar deixando o dono em polvorosa. De imediato, Tonito foi convocado para consertar a pane. Ao chegar ao local, conversou com o operador inteirando-se dos detalhes que precederam o corrido, sem, no entanto, fazer qualquer comentário.

Tratava-se de um equipamento antigo, de procedência inglesa, fora de linha, e o manual de instruções há muito, havia desaparecido. A seguir, acorrou-se frente à máquina e, por minutos, ficou a contemplá-la, numa atitude reflexiva. Naquele instante de meditação, presenciado pelos circunstantes, entendia-se, estava acontecendo alguma coisa respeitosa, cerimoniosa. Vencida essa breve etapa, levantou-se, e com a ajuda de um auxiliar improvisado, começou a trabalhar. A peça danificada foi identificada, vencida pelo tempo de uso tornara-se imprestável. Levada à capital do estado, um profissional do ramo confeccionou uma réplica em seu torno mecânico. Efetuada a reposição, tudo voltou ao normal. A façanha de Tonito foi muito comentada em toda a cidade.

Já viviam na cidade há três anos quando a esposa, chamava-se Nara, começou a lhe pedir para que voltassem a residir em Manaus. Ao seu modo, e nas ocasiões

mais propícias criadas por ela, argumentava: - *Tonito querido, de filha, minha mãe só tem a mim. Sem saúde e idosa, sei, o fim lhe está próximo. Sou sua e sou da Amazônia, pertencemo-nos.* Tonito silente, só ouvia.

Nara ganhava alguns trocados fazendo e vendendo doces em casa, o de coco e banana, os mais procurados. Era morena, estatura média, com cabelos negros, lisos e longos e no rosto de poucas rugas, alguns traços indígenas. O corpo ainda em forma para sua faixa etária, 50 anos ou em torno disso, mesmo sem nunca ter pisado em uma academia de ginástica. Denotava a uma primeira impressão ser reservada, cautelosa e possuir um olhar distante, desfocado, como que escondendo caprichos que lhe pertenciam.

Foi num sábado à noite, *blues* na vitrola, aguardente no pequeno cálice, quando Tonito comunicou à companheira que dentro de um mês, retornariam a Manaus. Nara encheu-se de contentamento, chorava e ria ao mesmo tempo, abraçou e beijou o amado. Foi à cozinha e trouxe um cálice para ela. Juntos, rejubilaram-se até meia noite ou um pouco mais.

A casa e o quartinho do comércio não lhes pertenciam, eram alugados. Não tiveram filhos. Não demorou e a cidade tomou conhecimento da decisão de Tonito, lamentando-a.

Pois bem, dias antes da partida, Dona Dorinha e as amigas vieram se despedir de Nara e desejar-lhe boa viagem. Manifestaram sentimentos de consternação. Nara soube ouvir e externou seus agradecimentos, sem antes lhes servir doce de coco, obviamente muito elogiado por todas.

Essa despedida fez lembrar o fato ocorrido no passado, justo há três anos, quando já decorriam dois meses de sua permanência na cidade. Nara foi ao açougue, e lá, deparou-se com Dona Dorinha, conhecida por sua língua viperina. O bom dia de Nara não passou de um cumprimento formal, em obediência às regras da cordialidade. Vendo-a, Dona Dorinha não se conteve e, arditamente, criou um pretexto para entabular uma conversa com Nara, tentando colher detalhes da sua vida pessoal, sem muito êxito.

Dias depois, ao reunir-se com as amigas do seu grupo, suas lideradas, comentou: - *Não gostei nada dessa forasteira recém-chegada à nossa cidade. Não me agradou e não merecerá nossa consideração. É muito desconfiada, nota-se logo*

de saída, vocês verão. Normalmente, as demais achavam o que Dona Dorinha achava.

Já são decorridos seis meses da viagem e ninguém conseguiu obter qualquer informação do casal, nem mesmo Dona Dorinha.